

Carl Rogers

Por Valmir Perez

A pessoa como centro – técnica não diretiva

EXISTE UMA MANEIRA BASTANTE INTERESSANTE DE ENCARARMOS o que denominamos de “apreciação de uma obra de arte”. Por exemplo, quando você se depara com um quadro, o que na realidade você vê?

Melhor ainda: qual realidade foi criada por você para que a sua observação se tornasse uma apreciação? De que maneira os seres humanos transformam algo como um pouco de tinta colorida sobre uma lona esticada em algo que valha a pena ser apreciado? O que podemos dizer e pensar sobre esse espaço vivencial?

A resposta para essa questão não é tão simples, mas um dos caminhos que podemos sugerir para a sua compreensão se resume no seguinte: nossa espécie é capaz de atribuir valores subjetivos aos elementos do mundo externo; somos capazes de atribuir diferentes significados às coisas e às dinâmicas.

Essa nossa capacidade tem, por um lado, aspectos extremamente positivos. Sendo capazes de atribuir valores subjetivos às coisas, acabamos por fazer a vida brilhar em níveis

extremamente sutis e cromatizados. Tornamo-nos cocriadores da natureza e não apenas máquinas automáticas de reagir a estímulos. Rimos, choramos, nos apaixonamos e, por fim, nossas vidas se tornam maravilhosamente ricas.

O aspecto negativo é que se o nosso sistema de valores, por alguma razão especial, acaba se distorcendo, podemos cometer as maiores atrocidades contra a vida e contra nós mesmos. Ao mesmo tempo em que o homem é capaz de criar o paraíso na Terra, pode fazê-la arder nas chamas da bestialidade.

Se então, somos cocriadores da realidade, atribuindo valores ao que percebemos e sentimos, e através deles construímos a nossa vivência no mundo de três dimensões, importa então que os nossos valores sejam uma preocupação constante para que as sociedades estejam alinhadas com determinados projetos de caráter positivo, cuja dinâmica possibilite a renovação contínua desses mesmos valores, por conseguinte colocando as sociedades no caminho da evolução e da paz.

Carl Rogers



Pleasure - Kandinsky



Mas aí entra a pergunta: como criar valores positivos para que se deem as escolhas corretas de nossa parte, se por outro lado precisamos, de certa forma, esquecer esses valores para interagirmos e sobrevivermos no espaço social, político, econômico que nos está sendo imposto?

Há um exemplo claro que isso está agora mesmo acontecendo e de como os povos podem ser submetidos a valores deturpados e ridículos, chegando a admirá-los como se fossem algo intrínseco à própria natureza cósmica. Trata-se aqui daquela ideia que se dirige no momento presente, principalmente aos mais jovens, levando-os a ajoelhar como crentes perante um milagre. Esse novo evangelho, provavelmente descido sob o altar de nossa ignorância, assenta-se na esperança e dádiva da “competitividade”.

Sim, caro leitor. A competitividade deve hoje ser a confissão de fé de todos aqueles que acreditam que podem vencer o mal trazido pela falta de competência e preguiça. A competitividade, irmã da falta de empatia pelo próximo, inimiga ferrenha do amor e da caridade, é o lema pregado em todas as catedrais onde o lucro e a exploração são as tochas de luz a iluminar os caminhos dos crédulos.

Empatia é a palavra maldita a todo aquele que pretende vencer na vida através da competitividade. É preciso ser o primeiro a qualquer custo; não deixar que ninguém se aproxime de nossa competência, de nossa garra, de nosso conhecimento e de nossa vontade. É imperioso que o fraco seja destruído, que apenas os fortes permaneçam no paraíso. O fraco não deve ser amparado, melhor seria se não existisse.

Essa é a lei da competitividade. Nenhuma pode estar acima dela. É preciso abortar as ideias perigosas de colaboracionismo, pois somente dessa forma a empresa, a corporação, o santo espaço da produção poderá sobreviver no desterro desse mundo.

O meu discurso pode parecer um tanto drástico e fanático à primeira vista, mas é apenas um exemplo de como os discursos absurdos podem se tornar inflamados e atraentes às massas. O problema da falta de empatia, gerado pelo excesso de competitividade, é muito mais catártico do que podemos supor. Aliás, a empatia ou a falta dela pode determinar inclusive alterações dos padrões de funcionamento de nossos processos hormonais, e isso é uma coisa que pode ser bastante séria, principalmente se levarmos em conta que o nosso equilíbrio hormonal é o responsável direto por nosso equilíbrio de saúde e correta percepção da realidade.

O sujeito competitivo não pode considerar a empatia no trato com seus oponentes. Não pode enxergar no outro a si mesmo, mas alguém que lhe é distante em todos os sentidos. Às vezes, isso chega às raias da desconsideração do outro como raça ou espécie. O discurso da competitividade é, ao contrário, excelente, para quem domina o espaço da luta entre os competidores. Por exemplo: quanto mais competitividade entre funcionários de uma empresa no que tange às metas impostas, mais lucro. A colaboração somente é entendida no nível próximo, ou seja, dentro da equipe que trabalha sinergicamente constituída. Mesmo assim, ainda deve existir a competitividade, a luta contínua pelo ideal criado e alimentado pela empresa.

Engana-se aquele que acredita que esses valores e essas forças de comportamentos restrinjam-se ao espaço do trabalho. O sujeito competitivo continuará sendo-o na sua vida social. Dará mostras de sua capacidade de competir e vencer sempre que tiver a mínima oportunidade. Enxergará sempre no outro um potencial oponente seu em variadas situações: no trânsito, na vida amorosa, nas discussões e tomadas de partido na política, no esporte, na solução de problemas existenciais, sociais, e até mesmo familiares.

Tentarei ser ainda mais objetivo.

Tudo o que existe na natureza pode ser conceituado como pertencendo a um espaço. Não apenas ao espaço físico, mas ao espaço como interpretação de uma determinada realidade. Nesses espaços definidos é que se dão os processos físicos e subjetivos, como no espaço da cidadania somos levados a vivenciar a cidade e seus processos. No espaço de determinada religião, seus adeptos e seguidores criam seus paradigmas, rituais e crenças; no espaço familiar, nossas relações amorosas, de proteção, de educação, moral, etc. Talvez seja por isso que místicos de todos os lugares e tempos sempre enxergaram o vazio, o espaço, como o germe da criação.

Os espaços podem ser transformados em campos construtivos ou destrutivos. Quando construtivos, levam os seres a estados mais pacíficos e tranquilos, conseqüentemente a mais progresso e saúde. Por outro lado, os espaços negativos e destrutivos, aos desajustes físicos e mentais. Os indivíduos submetidos à competitividade sistematizada tornam-se mais propensos ao stress físico e mental, assim como as sociedades que os contêm.

A competitividade determina o espaço da luta e, portanto, do eterno conflito. Já não há mais lugar e sentido para o amor universal, para a ajuda mútua e todos os outros valores que concordamos serem positivos e imperiais para a sobrevivência de nossa espécie e planeta.

Esse paradigma comportamental, criado sabemos lá por que tipo de engenheiros sociais, embora já bastante aceito por grande parte da população, principalmente as das grandes cidades, revela, porém, em si, seu próprio pecado original, que é o de não explicar um fato muito especial: no início de nossas sociedades, nos primeiros



passos da vida em grupo, ao invés da competição mútua, nossos antepassados somente conseguiram sobreviver e prosperar através da união de esforços e da solidariedade. Se esse caráter de ação não tivesse sido a estratégia, se, ao contrário, houvessemos desde cedo optado pela competição interna, provavelmente não chegaríamos aonde chegamos.

Podemos perguntar também para os pregadores dessa crença, principalmente às grandes corporações e empresas, que se a competitividade é tão vantajosa assim, por que então as vemos participando sistematicamente da formação de cartéis? Qual então o discurso da globalização da economia? Se a competição é o principal meio de evolução econômica, por que então assistimos ultimamente a fusão de grandes empresas e corporações? Será que esse discurso serve apenas para um personagem do jogo, ou seja, aqueles que são utilizados como os peões no tabuleiro? Aposto que sim!

Mas o perigo maior se apresenta quando o ser humano enfrenta o conflito interior levado a perceber que, ora deve agir fundamentado em determinado valor, e, quando da mudança de espaço ou campo, vivenciar o mundo assentado em valores contrários. Isso pode certamente provocar a sua desestabilização emocional e mental. O espaço da luta passa a ser o interno.

Esse tipo de comportamento pode levar o indivíduo a apresentar o que Carl Rogers denominou de incongruência, ou falta de conexão e conformidade interna; uma desconexão com a essência individual.

Ao contrário, a congruência pode ser tida como o estado ou o espaço onde a comunicação, a expressão e a tomada de consciência acontecem de maneiras semelhantes, ou seja, o ser está



inteiro no momento presente, o que o leva também ao equilíbrio saudável, à realização plena em diferentes espaços vivenciais e criativos, à fruição livre de suas energias.

O físico Amit Goswami nos dá um belo exemplo de comportamento congruente em seu maravilhoso livro "O Ativista Quântico". Diz ele:

*"Ao preparar um artigo sobre Gandhi, um repórter ficou impressionado com o fato de o líder indiano dirigir-se a grandes multidões sem consultar anotações. Quando perguntou à Sra. Gandhi como ele fazia isso, ela respondeu: Bem, nós, pessoas comuns, pensamos uma coisa, dizemos outra e fazemos uma terceira; mas para Gandhi, são todas a mesma coisa". Não podemos nos tornar Gandhis da noite para o dia, mas podemos adaptar uma prática visando a essa meta. É disso que trata o ativismo quântico."*¹

O sujeito competitivo, não empático, também corre o risco de se afastar da realidade do outro, o que pode transformá-lo em alguém que não consegue entender o funcionamento interno de seu semelhante e, portanto, pode ter sérios problemas em áreas onde essa relação se faz imperiosa, como no caso dos designers, que necessitam o tempo todo entender os subjetivismos de seus clientes. Mas vamos deixar com que o próprio Rogers defina a importância da empatia como recurso da psicologia para posteriormente adentrarmos em nosso próprio espaço profissional:

"...tentarei caracterizar a empatia de uma forma que me parece satisfatória no momento. Não a chamaria mais de "um estado em empatia", pois acredito que ela seja mais um processo que um estado. Talvez eu consiga apreender essa qualidade."

A maneira de ser em relação a outra pessoa denominada empática tem várias facetas. Significa

penetrar no mundo perceptual do outro, e sentir-se totalmente à vontade dentro dele. Requer sensibilidade constante para com as mudanças que se verificam nessa pessoa em relação aos significados que ela percebe, ao medo, à raiva, à ternura, à confusão ao que quer que ele/ela esteja vivenciando. Significa viver temporariamente sua vida, mover-se delicadamente dentro dela sem julgar, perceber os significados que ele/ela quase não percebe, tudo isso sem tentar revelar sentimentos dos quais a pessoa não tem consciência, pois isso poderia ser muito ameaçador. Implica em transmitir a maneira como você sente o mundo dele/dela à medida que examina sem viés e sem medo os aspectos que a pessoa teme. Significa frequentemente avaliar com ele/ela a precisão do que sentimos e nos guiarmos pelas respostas obtidas. Passamos a ser um companheiro confiante dessa pessoa em seu mundo interior. Mostrando os possíveis significados presentes no fluxo de suas vivências, ajudamos a pessoa a focalizar esta modalidade útil de ponto de referência, a vivência dos significados de forma mais plena e progredir nessa vivência.

*Estar com o outro desta maneira significa deixar de lado, neste momento, nossos próprios pontos de vista e valores, para entrar no mundo do outro sem preconceitos. Num certo sentido, significa pôr de lado nosso próprio eu, o que pode ser feito apenas por uma pessoa que esteja suficientemente segura de que não se perderá no mundo possivelmente estranho ou bizarro do outro e de que poderá voltar sem dificuldades ao seu próprio mundo quando assim o desejar.*²

Se então, entrar e sair desses mundos, com plena consciência e equilíbrio é fundamental para que possamos conhecer profundamente o outro, o ser competitivo pode não conseguir-lo. Mais provável que não, dada a sua distonia interna, sua incongruência. Nesse caso, seria interessante e até mesmo prudente pensarmos em quais as vantagens existentes em nos tornarmos competitivos, se provavelmente nos tornaríamos também mais insensíveis e, assim, menos criativos.

*"O que é a criatividade? "A criatividade consiste na descoberta de novo significado mental de Valor", disse a pesquisadora Teresa Amabile (1990), "envolve uma grande mudança no modo como processamos significados"*³

"Todo homem deve decidir se ele vai andar na luz do altruísmo criativo ou na escuridão do egoísmo destrutivo"

Martin Luther King⁴

Filho do engenheiro civil Walter A. Rogers e de Julia M. Cushing, quarto filho de uma família de seis, Carl Ransom Rogers nasceu no dia 8 de janeiro de 1902, no mesmo ano que o psicólogo Edmund Clark Sanford⁵ assume a presidência da American Psychological Society.

Uma criança extremamente inteligente, já sabia ler antes de adentrar ao jardim da infância. Criado numa família Cristã Pentecostal, desde muito cedo, tornou-se uma pessoa extremamente disciplinada. Por viver num ambiente de ética e religiosidade bastante acentuadas, teria na infância e juventude dificuldades em suas relações interpessoais.

Com acentuada tendência à prática do método científico, talvez exatamente por sua enorme capacidade de submissão às regras, Rogers, coiro da paróquia de Jimpley, teria como primeira opção de estudos a agricultura, na Universidade de Wisconsin-Madison. Ali também se tornaria membro da Kappa Lambda Alpha, fraternidade estudantil daquela universidade. Outras disciplinas que o atraíam era a história e a religião.

Em 1922 faz uma viagem à cidade de Pequim, na China, participando de uma conferência cristã internacional. A partir daí, suas convicções religiosas começam a se afrouxar. Forma-se em 1924, em Wisconsin, e em seguida matricula-se na Union Theological Seminary, uma organização independente, fundada em 1836, situada na cidade de Nova York. Fica ali por dois anos, para em 1927 frequentar o Teachers College da Universidade de Columbia, uma escola de pós-graduação em educação. Obtém seu mestrado em 1928 e seu doutorado em 1931, através de um estudo sobre crianças. Depois disso atua como diretor da Sociedade para a Prevenção da Crueldade Contra Crianças, em Rochester, Nova York, entre os anos 1935 e 1940.

Lecionou ainda na Universidade de Rochester e em seguida foi convidado a administrar a disciplina Psicologia Clínica na Universidade Estadual de Ohio. Em 1945 foi convidado pela Universidade de Chicago a criar um centro de aconselhamen-



to. Em 1947 foi eleito presidente da Associação Americana de Psicologia e em 1956 tornou-se o primeiro presidente da Academia Americana de Terapeutas.

Entre 1957 e 1963 lecionou na Universidade de Wisconsin-Madison. Em 1961 foi eleito membro da Academia Americana de Artes e Ciências. Crítico ferrenho do Macartismo, Rogers torna-se residente do Instituto de Ciências do Comportamento Ocidental (WBSI) em La Jolla, a partir de 1963, onde ficaria até o final de sua vida. Durante esse período, pesquisador e escritor prolífico, escreveu mais de uma dezena de livros, recebeu numerosos prêmios, inclusive por estâncias que o criticaram. Suas ideias permeiam a educação, a psicologia, a sociologia e está presente em uma infinidade de áreas da atividade humana. Até mesmo nas relações entre empresas e trabalhadores. Morre aos 95 anos, por problemas no pâncreas, após uma queda.

Sua atitude como psicólogo o levou a receber inúmeras críticas, dentre elas a de que seu trabalho não se baseava em caminhos científicos aceitos então por profissionais e terapeutas arraigados a conceitos mais balizados, pois a abordagem de Rogers procurava fazer com que o cliente, o aluno, enfim, as pessoas, despertassem suas próprias possibilidades, diferentemente da abordagem Freudiana, mais especulativa, mais abstrata, complexa e não comprovável. Desse modo, desabafou:

"Creio que a Psicologia, como ciência e como profissão, tem sentimentos profundamente ambivalentes em relação a mim e à minha obra. Sou considerado – ingênuo, não científico, cultualista, muito condescendente com os alunos, propenso a entusiasmos estranhos e descontrolados por coisas efêmeras como o self, as atitudes do terapeuta e os grupos de encontro. Difamei os mistérios mais sagrados do acadêmico – a conferência profes-

*so e todo o sistema de avaliação – desde as notas atribuídas nos cursos até a cobiçada beca que acompanha o doutoramento. Para a maioria dos autores, a melhor maneira de lidar comigo é me considerar, em um parágrafo, como autor de uma técnica – a "técnica não diretiva". Definitivamente não pertencço ao grupo fechado da academia psicológica"*⁶

Mas qual seria o cerne de sua abordagem? Deixemos que ele mesmo a explicite:

"Qual foi esta ideia, esta pedra, este cristal? Foi a hipótese gradualmente formada e testada de que a pessoa tem dentro de si vastos recursos para a autocompreensão, para modificar seu autoconceito, suas atitudes e seu comportamento autodirigido – e que para mobilizar esses recursos basta proporcionar um clima de atitudes psicológicas facilitadoras, passíveis de definição.

Esta hipótese tão nova, de certa maneira tão antiga, não resultou de uma teoria de gabinete. Desenvolveu-se a partir de vários passos bastante concretos.

Em primeiro lugar, eu e meus colaboradores

*compreendemos que esta atenção empática constituía uma das janelas menos nubladas de acesso ao funcionamento do psíquico humano, em todo o seu complexo mistério."*⁷

Rogers também foi o pioneiro em gravar as sessões com seus clientes. Reavaliando as gravações de áudio, ele e seus colaboradores conseguem rever a acompanhar os pormenores dos fluxos, os matizes de inflexão, as pausas, suspiros, frases interrompidas. Dessa forma, como ele mesmo definia esse trabalho, através dessa técnica, obtinha "as moléculas da mudança da personalidade".

Atualmente, podemos afirmar que Rogers estava à frente de seu tempo por vários motivos, mas o principal deles, na minha opinião, era a sua forma de encarar com desconfiança aquilo que as sociedades já acalentavam como o certo, o correto, o definitivo, pois, afirmava,

"Indivíduos que se desviaram em sua percepção da realidade religiosa eram torturados e mortos. Um jovem e intenso médico cientista foi levado à loucura por seus perseguidores porque fez a então absurda alegação de que a febre puerperal,

este pavoroso flagelo da sala de maternidade, era transportada de uma mulher a outra por germes invisíveis nas mãos e nos instrumentos dos médicos. Evidente disparate, em termos da realidade de sua época. Em nossas próprias colônias, aqueles que fossem meros suspeitos de ter poderes psíquicos eram por sua bruxaria enforcados ou esmagados sob pesadas pedras. A história é uma série contínua de exemplos do preço terrível pago por aqueles que percebem uma realidade diversa do mundo real combinado. Embora a sociedade tenha, frequentemente, chegado a concordar com seus dissidentes, como nos exemplos que mencionei, não há dúvida de que a insistência num universo conhecido e indubitável tem sido parte do cimento que mantém coesa uma cultura.⁸

Penso que essa nossa aderência ao velho, ao que já está consumado como certo, é fruto de nossos sistemas de educação. Carl Rogers se deu conta disso quando iniciou suas experiências com sua abordagem centrada na pessoa, em meio ao ambiente das escolas.

Grande parte dos jovens, num primeiro momento, sentia-se totalmente órfã do educador tradicional. Chegavam por vezes, segundo ele, a apresentar comportamento agressivo. Queriam que o professor apenas lhes transmitisse o conhecimento, sem se darem ao trabalho de buscar esse conhecimento por conta própria. Isso ainda é muito comum. Grande parte das pessoas não quer assumir a responsabilidade pela busca do conhecimento, muito menos pela saúde física ou mental.

A abordagem de Rogers é humanística, no sentido de ofertar a oportunidade dessa responsabilidade pessoal e também no sentido de trato com a pessoa. A atenção, a empatia, a busca pela criação de um clima de amizade, de confiança fazem com que o outro, aquele que está por vezes num rodameio de conflitos, na incongruência das atitudes, no desespero do desequilíbrio e falta de centro, na solidão, encontre no terapeuta alguém em que possa confiar e redescobrir o próprio caminho.

Os profissionais projetistas de iluminação podem utilizar a abordagem de Rogers também de maneira bastante rica. Por vezes, encontramos clientes que estão totalmente desamparados ao lidarem com assuntos que precisam resolver. Nesse sentido, podemos perceber que em algumas

dessas situações precisamos ajudá-los a entender o que querem e vislumbram.

O problema da linguagem também foi percebido por Rogers que, ao utilizar a técnica não diretiva em seus clientes, fazia-os chegar à definição correta do que sentiam, do que almejavam, e isso era por vezes o bastante para que o problema fosse sentido na sua totalidade e trazido ao mundo vivencial dessas pessoas e grupos. A partir daí, conseguiam perceber onde se encontrava a incongruência de seus pensamentos, sentimentos e atos.

Ao ganhar confiança em si mesmos, conseguiam por fim entender e praticar a própria natureza, desembarcando na plataforma da vida com aquela sensação de completude, que traz equilíbrio e felicidade.

Mas não é apenas por esse motivo que a abordagem centrada na pessoa é rica em diversos setores de atividade. Ela também faz com que nós, em determinadas situações, agindo como facilitadores, possamos entender de maneira especial e mais completa o outro, as situações e demandas. E não é isso que profissionais de iluminação buscam ao entrevistarem seus clientes, ao se depararem com grupos de trabalho e situações complexas de projeto?

Isso nem sempre é fácil, pois nem sempre as pessoas e grupos estão dispostos a encarar suas responsabilidades. Mais fácil é delegar a alguém a quem se está pagando, a resolução de problemas que seriam por demais complicados, cuja responsabilidade não está sendo assumida por quem paga para não ter que pensar.

Em casos como esse, os designers devem colocar a situação na balança e perceber se vale a pena realmente assumir esse risco, pois quem paga para não pensar, geralmente vai exigir que o trabalho seja impecável. Mas como ser impecável se não houve a abertura dos pontos sensíveis e subjetivos? Como dar ao cliente aquilo que ele quer, se ele, por motivos variados, escolheu o silêncio da omissão?

Mesmo assim, em casos complicados como esse, Rogers ainda nos salva. Sua técnica apura o observador a buscar nas entrelinhas, nos gestos, nos olhares, nas frases cortadas, no fluxo do contato.

Não afirmo que, como ele, precisemos gravar

as reuniões e entrevistas com nossos clientes e grupos, mas não vejo também nenhum problema nisso. Pode ser uma boa oportunidade até mesmo para sabermos se aquilo que estamos fazendo está no caminho certo. Uma boa olhada, com calma, nesse material, pode nos levar a perceber as “moléculas” do que foi vivenciado.

Por fim, a empatia para com nossos semelhantes, dentro do universo profissional, propicia-nos a abertura do espaço interior do outro. O espaço das emoções dos subjetivismos, da compreensão de aspectos que também por vezes se perdem na pressa da concorrência, do mais por menos, das nossas atitudes frias para com aquele que, como nós, merece o respeito por ser único no mundo. ◀



Valmir Perez

é lighting designer, graduado em Artes e mestre em Múltiplos. É responsável pelo Laboratório de Iluminação da Unicamp, onde desenvolve projetos de iluminação, captação de imagens e de softwares, além de ministrar cursos, workshops e palestras. Contato – valmirperez@gmail.com / www.iar.unicamp.br/lab/luz.

BIBLIOGRAFIA

- GOSWAMI, Amit. O Ativista Quântico. São Paulo, SP: Editora Aleph, 2010.
- ROGERS, Carl R. / ROSENBERG, Rachel L. A Pessoa Como Centro. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, 1977.
- ROGERS, Carl R. e ROSENBERG, Rachel L. Psicoterapia e Consulta Psicológica – Tradução: José Manuel do Carmo Ferreira. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2005.
- MILHOLLAN, Frank. / FORISHA, Bill Slinner x Rogers: maneiras contrastantes de encarar a educação: tradução de Aydano Arruda. São Paulo, SP: Summus, 1978.
- ROGERS, Carl R. e ROSENBERG, Rachel L. Liberdade Para Aprender – Tradução: Edgar de Godoi da Mata Machado / Marcio Paulo de Andrade. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2005.

1 - GOSWAMI, Amit. O Ativista Quântico. São Paulo, SP: Editora Aleph, 2010. pág.23. 2 - ROGERS, Carl R. e ROSENBERG, Rachel L. A Pessoa Como Centro. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, 1977. Pág. 73. 3 - GOSWAMI, Amit. O Ativista Quântico. São Paulo, SP: Editora Aleph, 2010. pág.78. 4 - Martin Luther King Jr. (Atlanta, 15 de janeiro de 1929 — Memphis, 4 de abril de 1968) foi um pastor protestante e ativista político estadunidense. Tornou-se um dos mais importantes líderes do movimento dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos, e no mundo, com uma campanha de não violência e de amor ao próximo. Wikipédia A Enciclopédia Livre http://pt.wikipedia.org/wiki/Martin_Luther_King_Jr. Em 30/06/2014. 5 - Edmund Clark Sanford (1859-1924) foi um proeminente psicólogo americano. Ele obteve seu doutorado sob a supervisão de Granville Stanley Hall na Universidade Johns Hopkins, em seguida, mudou-se com Hall para Clark University em 1888, onde se tornou o professor de psicologia e diretor fundador do laboratório de psicologia. Ele é mais conhecido por seus 1.887 Escritos de Laura Bridgman e por seu livro de 1897, Um Curso de Psicologia Experimental. Ele esteve presente na criação da Associação Americana de Psicologia em 1892 e era o primeiro de outro psicólogo: Millicent Shinn. Wikipédia A Enciclopédia Livre. http://en.wikipedia.org/wiki/Edmund_Sanford em 30/06/2014. 6 - ROGERS, Carl R. e ROSENBERG, Rachel L. A Pessoa Como Centro. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, 1977. Págs. 32 e 33. 7 - ROGERS, Carl R. e ROSENBERG, Rachel L. A Pessoa Como Centro. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, 1977. Pág. 31. 8 - ROGERS, Carl R. e ROSENBERG, Rachel L. A Pessoa Como Centro. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, 1977. Pág. 190.